

# UMA AMBIVALÊNCIA DE DES-MATERIALIZAÇÃO... OU UMA PRODUÇÃO-INVENÇÃO REAL-FICCIONAL DA VIDA COMO ENCANTAMENTO EM UMA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA NO VALE DO JEQUITINHONHA (MG) <sup>1</sup>

Bernardo Vaz de Macedo <sup>2</sup>

## RESUMO

Lidinho e Michelly dos Teclados são uma dupla de forró de duas crianças. Lidinho canta sem afinação e fora do ritmo, sem métrica e descompassado, “adoidado... sem ponto, sem vírgula...”. As notas desafinadas e semitonadas de Lidinho representam múltiplos pontos fora da linha melódica esperada, em dissonância / desarmonia com e irreverente ao que o campo harmônico exigiria, enquanto expectativa normativa contrariada; uma des-cumplicidade com a estrutura musical prescrita. Esse desalinhamento é acompanhado de uma desritmização ou desmetrificação do movimento, um pouco aos trancos e barrancos, aos tropeços, meio atrapalhado. Compreendo a boa recepção da dupla na rádio de Araçuaí pelo ritmo de certa forma espelhar ou mesmo ditar a forma de fazer e de se viver, algo fora das normas e desalinhada. Na vitalidade de uma produção-invenção real-ficcional da vida como encantamento, são em práticas diretamente referidas à reprodução da vida-corpo - o parto em casa, o plantio de mandioca, o tratamento de doenças e a linguagem - que se combinam, por um lado, exigências de que saberes detalhados sigam certas prescrições para que se executem e, por outro, componentes fantásticos, etéreos, ficcionais e de encantamento, enquanto suspensão de constrangimentos material-normativos; uma ambivalência de des-normatização. A partir de metodologias de história oral, apreensão da memória e análise de situações etnográficas, o fio condutor do texto são as histórias, memórias e atividades que pude ouvir, observar e registrar em Córrego Narciso, mostrando-se evidentes as experimentações, improvisações e inventividades nas formas de falar, fazer e se movimentar.

**Palavras-chave:** música-movimento; vida-corpo; des-estruturações; quilombo; Vale do Jequitinhonha.

## 1) INTRODUÇÃO

Córrego Narciso é uma comunidade rural quilombola e camponesa localizada no município de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, região semiárida no estado de Minas Gerais. Neste texto, o objetivo é apresentar, parcialmente, um capítulo de Vaz (2019) que ilustra como as formas de falar, de fazer e de se movimentar representam (dis)tensionamentos e uma desestruturação de normatizações sejam da língua ou de práticas cotidianas como o parto em casa, o plantio de mandioca ou o tratamento de doenças, enquanto práticas diretamente referidas à produção material da vida-corpo. A partir de metodologias de história oral, de apreensão da

<sup>1</sup> - O presente trabalho (VAZ, 2019) foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> - Doutorado em Sociologia, UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), concluído em 2019, com orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva. E-mail: [bernardovmac@hotmail.com](mailto:bernardovmac@hotmail.com).

memória e da análise de situações etnográficas, o fio condutor do texto são as histórias, memórias e atividades que pude ouvir, observar e registrar em Córrego Narciso, mostrando-se evidentes as experimentações, improvisações e inventividades nas formas de falar, de fazer e de se movimentar.

## 2) A produção-invenção real-ficcional da vida como encantamento

E no meu peito bate um coração aflito  
Feito um tambor de folia descompassado e bonito  
Perdido pelas estradas destino desse país  
Olha o menino sem nada sonhando em ser feliz  
E a multidão destoadada sem rumo e sem ter raiz  
(Trem da história, de Rubinho do Vale)

Em Araçuaí, na cidade e na zona rural, festas, bailes e danças costumam ocorrer ao som de forró cantado e tocado em teclados eletrônicos. Samir dos Teclados, “o cowboy do forró”, tornou-se bastante conhecido na região, tendo anteriormente sido migrante no corte de cana. Além de outros cantores, como Teté dos Teclados, “o muleke do forró”, e Celson dos Teclados, ouve-se bastante a dupla Lidinho e Michelly dos Teclados, duas crianças com por volta de onze anos, divulgados principalmente na estação de rádio local 102,7, na programação “Auto Alegria, a programação mais alegre do Vale do Jequitinhonha”, muito ouvida nas comunidades rurais. A forma de tocar e cantar dessa dupla é curiosa, pois, diferentemente dos outros cantores, afinados e ritmados, Lidinho canta espontaneamente sem afinação e fora do ritmo, sem métrica e descompassado, atropelando as marcações do tempo. Nas palavras de uma moça de Córrego Narciso, ele canta “adoidado... sem ponto, sem vírgula...”. Tendo se apresentado como curioso para mim a dupla ter ganho um certo destaque e ser tocada regularmente naquela programação de rádio, a boa recepção daquele ritmo pelos ouvintes, pude compreendê-la (essa recepção) por ele (o ritmo) de certa forma espelhar ou mesmo ditar a própria forma de fazer e de se viver, algo fora das normas e desalinhada. Pessoa desenchavida é aquela que age “sem ponto, sem limite, não é normal”.

As notas não afinadas e semitonadas de Lidinho representam múltiplos pontos fora da linha melódica esperada, em dissonância / desarmonia com e irreverente ao que o campo harmônico exigiria, enquanto procedimento retilíneo e expectativa normativa contrariada. Esse desalinhamento ou dispersão que trafega mais nas entrelinhas, no entretom ou semitom é acompanhado de uma desritmização ou desmetrificação do movimento, um pouco aos trancos

e barrancos, aos tropeços, meio atrapalhado, sem respeitar nem ponto, nem vírgula, uma descumprimento com a estrutura musical prescrita<sup>3</sup>.

Tendo Mário quatro anos de noivado com Cona e estando no trecho (no corte de cana), Dola, mãe de Cona, lhe escreveu uma carta para que ele viesse assumir a responsabilidade (casar-se) de Cona, grávida de Gi, sua primeira filha. De acordo com Cona, Mário “veio em riba da linha”; obedeceu.

Antes de a Folia de Reis ser desenterrada ao final de 2017, Cona se recordava de como era a folia antigamente, “Nessa ocasião, era bonita a folia... Cê tá doido, mo[ço]! Aqueles antigo cantava uma folia da hora! Os folião vinha c’uma gravata, uma toaia branca... jogado no pescoço... bandeira mar bonita... era trem bonito...”; a gravata representando, junto à afinção das vozes em requinta<sup>4</sup> (voz fina que acompanha a grossa), compromisso e a afirmação das normas daquela tradição. Se então a folia estava enterrada, levantá-la em 2017 envolveu realizar ensaios e providenciar camisas e chapéus a serem vestidos pelas foliãs e foliões; um realinhamento e reafirmação daqueles ideais.

Gabi, filha de cinco anos de Rosilene e Griga, começando a aprender a ler e escrever, tendo eu escrito “Rosilene” em uma folha de papel, quando a pedi que soletrasse o nome da mãe, primeiramente ela passou o dedo ao longo de toda a palavra escrita, para ao final pronunciar Rosilene; uma enunciação oral que ultrapassa e ainda não retificada pela forma escrita e gramatical da língua.

Experimentando montar uma égua de outro morador, com vistas a poder comprá-la, Dida justifica sua recusa: “Égua bestonteira [besta + tonta]... xuc[o], ignorante, brava, não amansa”, pois não obedece aos comandos e à rédea. “Xuco” (variação de xucro) é a qualidade de um animal ou pessoa grossa, ignorante, sem educação, ou bronca, que briga sem razão. A um morador que retorna a Córrego Narciso após um longo período em migração, uma moradora chama de “valente”, por não respeitar certas prescrições de uma conduta apropriada e estabelecida entre moradores/as na comunidade.

Por outro lado, à comitiva criada por moradores/as de Córrego Narciso para acompanharem juntamente cavalgadas na região, para que se fizeram camisas estampadas, deu-se o nome de “Comitiva Rédea Solta”, denotando um fazer sem amarras, freios ou direcionamento, sem estruturação, entregue ao livre curso dos acontecimentos.

<sup>3</sup> - Cf. Bourdieu (2006).

<sup>4</sup> - De acordo com Botelho (1999: 257), a voz fina na requinta imita o apito do navio.

Carneiro da Cunha (1983) interpreta a escatologia (representações sobre a sociedade dos mortos) no grupo indígena Krahó, não como um reflexo, mas como uma especulação sobre a sociedade dos vivos, “uma reflexão sobre suas condições de existência: uma espécie de prova pela redução ao absurdo da verdade última das premissas em que a sociedade dos vivos se funda” (p337); a sociedade dos mortos - embora representada como inviável - contradizendo tais premissas.

Se “existem em cada sociedade terrenos baldios, terras de ninguém, em que a imprecisão é essencial”, como “lugares privilegiados para utopias, para a fantasia”, a escatologia, para Carneiro da Cunha, “pode servir como uma dessas terras vagas [...], como um domínio onde se fabula com a parca sujeição de umas poucas regras” (p324).

Por não pedir uma aceitação pública ou aprovação social, e sem preocupação de controle ou pretensão de “ser codificada em uma ortodoxia, ou mesmo perpetuada” (p325), a produção escatológica krahó se oporia “a domínios mais estritamente regulamentados” e produzidos e sancionados em condições de maior rigor” (p338). Ligada “à sociedade por um número limitado de regras básicas” (p338), a escatologia krahó consistiria em um domínio “onde se dá livre curso à fantasia”, “um lugar privilegiado para a criatividade socialmente encorajada e não constrangida por especificações precisas” (p337); uma “zona franca”, em que livre curso ou “rédea livre” é dada à imaginação; uma utopia, “que descreve uma sociedade que não existe em lugar nenhum, um “mundo sem lugar” (p338).

*Karõ*, como “o princípio pessoal que perdura depois da morte” (324), ao desprender-se do homem, torna-se uma imagem “livre”, não circunscrita, “que não remete a uma forma precisa”, mas que “pode assumir qualquer forma” (325), sendo “passível de qualquer metamorfose” (p326). Os mortos seriam, assim, *pahamnõ*, privados de *paham*<sup>5</sup>, que, assim como crianças, estrangeiros, animais, “namoradeiros” e os inconstantes, “que não conhecem regras sociais”, “não têm juízo”, “vivem desembestados”, vivem desregradamente, “vagam ao acaso”, “sem vergonha”, “não sabem se comportar, ignoram etiqueta e em particular desconhecem o princípio fundamental das relações apropriadas para com os afins” (p331).

Se, por outro lado, Carneiro da Cunha vê um maior controle social nos campos simbólicos “mais diretamente relacionados com a reprodução da sociedade” (p338), em contraposição a uma certa desregulação ou desestruturação no domínio da escatologia, em Córrego Narciso parece por vezes ser justamente em práticas diretamente relacionadas à

---

<sup>5</sup> - Termo que denota, entre outros sentidos, vergonha, reserva e autocontrole, opõe-se ao termo *hobrê*, que significa “bravo, aguerrido, zangado” (CARNEIRO DA CUNHA, 1983: 331).

reprodução - como o parto em casa, o plantio de mandioca, o tratamento de doenças e mesmo a linguagem<sup>6</sup> - que se combinam, por um lado, exigências de que saberes detalhados sigam certas prescrições para que se executem e, por outro, componentes fantásticos, etéreos, ficcionais e de encantamento, enquanto suspensão de constrangimentos material-normativos; uma combinação que pode ser compreendida como uma ambivalência de des-materialização ou de des-normatização.

“A aranha veve é do que tece”, resume Pedro, após um dia inteiro de trabalho com fumo na roça, referindo-se à teia da aranha: “O mosquito que cai é comida dos filho dela... Então ela fica tecendo ali não é à toa, não... ha, ha. Ela tá fazendo aquilo ali brincando, não... ela tá ganhando o pão dela”.

O “serventuário” de “um servicinho que às vez ninguém não dá nada” é exaltado por Vilmar, em uma fala pausada e lenta, com minúcia e método:

Aqui a gente tem que ser cabeça e prevenir, cê entendeu? Que senão as coisa fica pior. Pro cê ajeitar. Se a pessoa for meio mole e não ligar... não importar... aí coisa. Quando eu cheguei aqui [para se restabelecer na comunidade, após um período fora], eu não tinha água... não tinha nada aqui também... não tinha caixa [de água]. Mas eu mais Fia lutou demais... pelejou, viu... até que nós arrumou uma cisterna de plástico, aquela que tá ali. Aqui na roça a gente tem que viver com gambiarra. Gambiarra que eu falo... é... um servicinho que às vez ninguém não dá nada... mas vai ter um serventuário tão bom depois... Às vez tem dia que a gente fala ‘Ê, diá, hoje eu não fiz nada’. Cê fez um galinheiro. É facim. Pois ele vai ter um serventuário tão bão depois... cê vai ter muito lucro dele... numa hora de serviço. Cê faz um chiqueiro. Fala assim: ‘Vixe, eu não fiz nada’. Tá bom demais! Quanto tempo a gente não vai prender um porco nele!? Tira um, põe outro... e o chiqueiro tá aí... É igual eu tô falando com cê: antigamente as pessoa tinha que ser é... gambiarrista... saber fazer gambiarra pra viver. Quem não tem outro ganhame tem que viver de gambiarra. Panha uma semente de capim bufa... vende... tudo é dinheiro... Aproveita ou vende a casca da mandioca...

“A precisão faz saco pular”<sup>7</sup>: assim Sandra descreve como Maria, uma parteira antiga, “aprendeu a pegar menino”.

Alguns dias após Lúcia, nora de Duca, ter chegado com a filha recém-nascida de Araçuaí, anotei a conversa animada entre Lúcia e Duca, desencadeada pela pergunta de Lúcia de como estava o resguardo de Lúcia:

Duca: Quando Lúcia chegou, eu fiz aquele banho [de plantas do quintal]. Hoje não está tendo resguardo, não. Elas estão tudo quebrando [o resguardo]. Eram quarenta dias sem lavar a cabeça. Hoje Deíinha [outra mãe com filho recém nascido] com oito dias está lavando, passando escova... Hoje, [pra Lúcia no hospital] eles estão dando mandioca, cebola, pepino, pimentão, tomate... tudo aquilo que a gente dizia que não podia comer [após o parto]!

Lúcia: E a mandioca estava amargano...

<sup>6</sup> - Cf. Vaz (2019), referente a des-normatizações da língua.

Duca: Quando Laurita estava ali tendo aquele menino, quase subindo as paredes de dor... e aquelas nuvem assim juntando, aquela chuva... Eu não tenho medo, não!

Fábio (filho de Duca e pai da recém-nascida): Eles falam que antigamente o povo era mais forte, que o azeite [de mamona] pode ter doenças...

Lúcia: E o quê que era mais limpo que aquele azeite na panela!? [fazendo movimento de mexer a panela com as mãos]. [...] Eu via aquele menino espertinho, com aquele umbigo secando... e o medo de cortar e eles porem a gente até na cadeia?! Era assim, media três dedos [no umbigo] e passava a faca [sem hesitação].

Duca: Ah! [sobre amedrontar]. Pois a gente era saudio [sadio]! [Sobre quando suas primeiras filhas, hoje com mais de vinte anos, nasceram]: Era vó [Vitalina], era Tia Maria... e eu não querendo tomar aquele azeite [após o parto]. E ela: “Fecha o nariz e toma”. Tinha que tomar três goles... com enxota e matraz [folhas]. Quando Marisa [filha mais nova] nasceu, que foi de surpresa no hospital [em Araçuaí], elas [funcionárias] falando pra eu comer aquela comida... e eu falando que não comia, que nosso costume era outro... Tia Maria levou aquela sopa... e eu tomei. E as outras [mães de recém nascidos] também querendo tomar, que estava gostosa! Tia Maria teve que levar na janta também... aquele panelão!

Lúcia: Ô, moça, eu vou fazer uma cachaça com losma pra gente... Mas sem amargano...

Se, amedrontadas e desencorajadas, como têm sido nos últimos dez ou quinze anos, a auxiliarem partos em casa e a cortarem e curarem umbigo de recém-nascidos/as, as práticas de parto de Lúcia e Duca contrariam normatizações médicas do parto em hospital, seus relatos revelam um ofício muito cuidadoso e dedicado, com prescrições de seguimento estrito “à lei” aprendida com parteiras mais velhas, no parto, na curação de umbigo, no resguardo...

Se Duca vai contrapondo uma lei de Deus - uma “lei maior que manda”, a nossa fé, em que “nasci e criei”, a “minha ensinação” - à lei dos homens, uma lei pública, Lúcia segue minuciosamente “a lei que Tia Maria Rodrigues me ensinava”, quando corta e cura o umbigo do/a neném, para evitar o mal de umbigo ou mal de sete dia, semelhante a uma epilepsia, em que “o sombrante (semblante) do neném muda”, podendo “ficar atrapalhado” ou morrer: “Segue a lei, que dá certo. As coisa tem que ser tudo organizadinha... guardar a vasilha de colocar o azeite... ele não é mexido de bagunça, não pode... A faca de cortar o umbiguinho, a tesoura... é desinfetada... Tem que ter tudo certinho”. Na hora de cortar o umbigo,

Mede três dedos e [a]marra a linha aqui bem apertadinha... aí cê vai e corta. Pega com um ferrinho... quente[e]... desinfeta todo com arc [álcool]... leva no fogo e queima bastantinho assim... a pontinha do umbigo... com um garfo. Depois que tá queimadinha direitinha, agora já faz os preparo na barriga dele... Faz o azeite da mamona e enrola o pavio de algodão no umbiguinho assim... Primeiro cê corta um paninho quadradinho assim, ó... que abraça o umbigo assim, ó... aí fura um buracozinho nele pra meter o umbigo... que cê cortou... Com três dias cai.

Para que fique “bem forte” e o umbigo caia mais rápido, o pavio enrolado “no pezim do umbigo” é molhado no azeite de mamona misturado com rapé de fumo - em que se “torra o fumo na fonalha e esfarela” -, picumã (um pozinho preto que gruda nas telhas acima da fumaça da fonalha) e rapé de arruda. Quando o umbigo cai, “Depois que vai sarando, cê queima pena

de galinha e vai botando o pozinho fininho assim, encima do buraquinho... e vai fechando o umbigo...”.

Esse procedimento é realizado, à luz de uma candeia acesa, durante os sete dias seguintes ao nascimento:

O dia do sétimo dia é uma fineza do resguardo do menino. Com três dias, neném pode sair do quarto, mas no dia que completa sete dias não tira de dentro do quarto, no oitavo dia pode sair. Que o mal de sete dias pode repetir quando tiver sete anos, dezessete, vinte e sete, trinta e sete... O prato de azeite, a faca, a tesoura, o garfo ficavam sete dias debaixo da cama. E o quarto não barria por sete dias... o cisco barria pra debaixo da cama.

Antes de a mãe ganhar o/a neném, toma “banho de água de sal”; e, “se tá sentido dor, mas sem força pra nascer, toma “queimada de pimenta do reino” (misturada na cachaça). Quando “não ganha o parto” - quando a placenta não sai junto ao neném - é feita a seguinte simpatia: “Três galhos de hortelãzinho, coloca junto com o azeite, faz a cruz na barriga da muié, manda ela soprar três vezes na boca do litro branco, se o parto demorar a nascer, se não incha na barriga e morre”.

“Diz que resguardo quebrado nunca que emenda. Resguardo quebrado... se não fosse a troco de raizeiro...”, recorda-se Cona: “Eu capinava de resguardo... torrava farinha de resguardo... Não tinha nada de repouso, não. Diz que menino homem é quarenta dias [de resguardo], e menina trinta... que tem que tomar banho na bacia... E eu lavava roupa no rio... ficava aquela zoeira na minha cabeça”.

Passados os três primeiros dias seguintes ao parto, em que a mulher deve ficar deitada, alimentando-se apenas de sopa de galinha, sem arroz e feijão, e tomando cachaça com as raízes de losma, arruda e quitoco, durante o restante do resguardo, a mãe não come carne fresca e não deve lavar a cabeça, tomando “banho de remédio” em água com as plantas mentraz, bassourinha (de beira de rio) e enxota. “No trigésimo dia de resguardo da mãe, tem que ficar quieta, sem extravagância”.

Para que a mãe se atenha às leis do resguardo e evite a “Mãe do Corpo”, uma dor após o parto, mas maior que a dor do parto, amarra-se uma *malassada* em sua barriga, “pra ela ficar quieta”:

Malassada é uma fita amarrada na barriga da mãe no rumo do umbigo, com sebo de vaca amassado com alho, durante três dias, deitada depois do parto, pra ela não sentir dor. Essa dor chama Mãe do Corpo. Quando ganha a criança ela fica solta. Antes de nascer, a Mãe do Corpo tá quieta junto com a criança. Quando criança tá na barriga, ela tá junto. Quando nasce, a Mãe do Corpo fica navegando, andando caçando a criança que tava junto com ela. É uma bola que fica no umbigo da mulher andando. A dor é maior do que dor do parto, e não tem alívio. Por isso que resguardo tem que cumprir e ficar quieta no lugar. Se a Mãe do Corpo desatinar e sair, é difícil pôr ela

no lugar. Não vê nada, só vê dor, no corpo todo, só a dor da morte. Tem que cumprir com as ordens, pra não sentir. Ela fica andando assim. Tem que seguir as leis. Depois que acaba o resguardo, não pode agitar muito, tem que ficar quieta no lugar, senão a Mãe do Corpo da gente sai do corpo da gente. Quando ganha criança, o corpo fica aberto. Toma o banho de remédio no último dia... e dormir bem, aí o corpo amanhece fechado.

Aqui, se para Ângela Davis, “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, práticas de parto em casa denotam também algo semelhante à ênfase que Giddens (2003) coloca nos processos de reprodução social e de prosseguimento das ações cotidianas dos sujeitos, envolvendo repetição, duração, continuidade, rotina, recriação, “ciclo vital”, em que a recursividade no agenciamento da prática aparece como uma forma de perpetuação cíclica e de reprodução de propriedades estruturais<sup>7</sup>.

“Da minha lei, eu lembro”. É assim que Lúcia novamente invoca a lei em que foi nascida e criada, relacionada à simpatia de “capar o mandiocal”, em que se “Tirava a raiz mais grossa, com seis meses de plantada, e fazia farinha, e deixava o restante lá, que continua engrossando”.

A prática semelhante, Dida, irmão de Lúcia, chama de “amansar mandiocal” na lua fraca; a terra (e a mandioca, brava ou mansa) aparecendo como um ente vivo e personificado:

Arrancar mandioca mansa na lua forte, fica amargando. E tem que amansar mandiocal com lua fraca... arranca uma raiz e joga lá, só pra dizer que mexeu na terra com lua fraca... amansou o mandiocal todo, tirando uma raiz só. Já pra plantar, se a terra tá seca e não dá pra plantar o mandiocal todo, cê planta umas três covas na lua forte... pro mandiocal engrossar as raízes quando cê plantar tudo... a terra já tá... já fez aquilo, plantou umas cova na lua forte... E o resto pode plantar na lua fraca que continua sendo igual... criar as raiz e engrossar. Aquela coisa... que os véi antigo tem isso, né.

Se ao “plantar manaíba com lua forte, dá mais raiz, o carrego que a gente fala”, e com lua fraca fica mais mansa”,

Na lua forte, arranca um pé no mandiocal com raiz e tudo e deixa lá no meio da terra ou trazer e dar pras galinhas, mesmo que seja pra não fazer nada, nem comer. Aí a mandioca não fica tão brava, o mandiocal fica mais manso, a farinha perde menos, dizia os mais velhos. Plantar na lua fraca, o mandiocal não carrega muito de raiz, menos carrego. Se não tem tempo de plantar o mandiocal todo na lua forte, planta

<sup>7</sup> - Acrescida a essa recursividade na reprodução de propriedades estruturais, a reprodução social em sociedades humanas por longos períodos seria explicada por Giddens (2003), não por relações funcionais a partir do paralelo orgânico e de um modelo relativamente “mecanizado” de reprodução de sistema, mas por mecanismos de integração e movimentos cíclicos em que as consequências imprevistas ou não intencionais da ação, nos moldes de um *feedback*, sistematicamente se realimentariam reconstituindo no contexto original as circunstâncias originadoras ou as condições ulteriores não-reconhecidas da ação de novos atos, promovendo, assim a reprodução social. Compreendida a estruturação como recursividade na orientação da ação, enquanto conjuntos de regras - “aspectos da *práxis*” (p25) e técnicas ou procedimentos de ação - e recursos - como traços da estrutura ou propriedades estruturais e estruturadas de sistemas sociais -, a agência se apresenta para Giddens, nesse ciclo que se realimenta, como um “poder fazer”, ou um “poder reproduzir”, como que em um ciclo em que as condições se reforçam conspirando a favor da ação.



umas três ou quatro covas, aí aquele mandiocal já fica governado pela lua forte, mesmo plantando o restante na lua fraca, já fez a simpatia, já começou na lua forte, já mexeu na terra.

Para “amansar” a nova tacha de farinha recém-assentada na banca da tenda - como se ainda um animal bravo -, “pra ela ficar no jeito”, Dida acende o fogo e torra apenas um pouco de massa de mandioca, que é descartada, podendo posteriormente torrar o restante da massa.

Na Quarta-feira de Cinzas, usa-se colocar um pano branco ou uma garrafa transparente de cabeça para baixo nas roças, para atrair as cinzas e impedir que caiam e queimem as roças:

Roxa: História dos antig[os]. Dos mais véi. Pano branco ou lit[ro] branco vazio de cabeça pra baixo num pau ou vara. Um lit[ro] desses quebrador... desses de vidro mesmo”. Ou uma cruz com três litros. Tem que ser branco, não pode ter pinta, não. Que é costumado de dar umas nebrinha, sabe. Aí cói [colhe]. Se não o feijão fica todo com a foia engrunhada... o mandiocal... Aí eles engrunha as foia. Aí ele começa a ficar todo com as foinha engrunhadinha.

Vilmar: Entrando na quaresma... aí, desde os antigo, né. Eles costumava, quando era Quarta-feira de Cinzas, colocar um pano branco ou uma garrafa branca na roça pra cinza num pegar na pranta. Se num colocar nada, a cinza cai na foia da planta assim e queima tudo. Se a gente colocar um pano branco assim, ele fica sendo tipo um para-rai[o]. Então a roça é a mesma, que aí a hora que vim a cinza aquilo lá tira a descarga da cinza e joga pro outro lado... aí a cinza num cai na foia [folha] da planta.

Bernardo: A cinza...

Vilmar: É assim, porque dia de Quarta-feira de Cinzas, quando tá entrando na Quaresma, cai a cinza... tipo, ela num é cinza. Ela é um sereno que cai de noite, na noite de quarta, Quarta-feira de Cinzas, quarta pra quinta... não, de terça pra quarta cai um sereno... e se ele cai nas planta ele queima tudo as folha das planta. Se num colocasse um pano, as foia tava tudo amarelim já... caindo as foia. Aqui, ó, fica verdim ainda. Coloca na terça. É mais que a gent[e] nasceu vendo os mais véi fazendo isso aí, pegou o hábito também de fazer.

Caipora é uma lenda do mato ou floresta:

É um bicho que tem no mato, mas ninguém nunca viu, se ele abraçar a gente não solta. É invisível, foge, só assobia. É uma visage no mato. Catingueiro, tatu fugidio, redemoinho forte perto da gente de repente sem jeito de vento, sacode um pé de pau do nada. Caipora perturba em caçada. Caipora vira catingueiro, mas é visage, confunde a gente na hora de atirar... ele foge. Faz medo, mas não faz mal, não... nem bem. Sai um cheiro forte de alho de repente do mato, então leva uns três dentes de alho no bolso quando vai pro mato, porque o alho é contra essas coisas. Come alho também se tiver ofensa de cobra ou bicho. Um tatu entra no buraco, sai, mas não é tatu. Engana até cachorro que acua tatu.

“Bosta de boi é desinfetante de primeira”: para febre de catapora, usava-se em Córrego Narciso “tomar banho na bosta mole de vaca ou na folha de café”. Quando antigamente tuberculose era mais comum, Cona se recorda de muita casa desribuçada (sem telhado): “Tuberculose era doença mais triste, galopante... fazia vomitar sangue. Quando morria alguém de tuberculose, desribuçava o telhado da casa pro ar sair e passava bosta de boi de reboco nas paredes da casa para desinfetar, e voltava a pôr as telhas”. Como não se fazia massa de cimento, usava-se misturar bosta de vaca fresca para dar liga no barro para assentar o piso no chão das

casas e cozinhas, que ficam com uma cor esverdeada. Balaio onde se armazenava farinha de mandioca eram rebocados por fora com bosta de gado: “Aqueles balai é de antigament[e]... Rebocava aquilo com bosta de gado e... enchia de farinha. Por fora, né, que rebocava. Fazia o grude de goma, pra grudar nas taquara... caçava bosta de boi... aí tampava, punha o cobertor por riba”. Usava-se também “queimar bosta de boi para espantar muriçoca”.

Conta-se das simpatias para tratar de bronquite asmática, em que se serve, sem que a pessoa saiba, caldo de minhoca coado durante três sextas-feiras seguidas; de “atac” (epilepsia), em que se serve chá de gongolô (centopeia) torrado ou se queima a roupa da pessoa “às a vestes” (às a vesses); para asma e “chieira no estômago”, em que se serve farofa de bunda de tanajura.

Para bronquite e asma, Cona fuma cigarro de folha de maxixe capeta.

Essas práticas, simpatias e crenças são todas inventividades, criações, experimentações, gambiarras, saberes e fazeres ou adaptabilidades que seguem uma normatização, estruturação e coerência próprias - seja um pouco como as “improvisações reguladas” a que se refere Miceli (2015: XL-XLI), com relação à flexibilidade do *habitus*, seja algo como a “mutação perversa” que pode “servir a novos e estranhos usos”, na esquizoanálise de Deleuze e Guattari (1995: 10) -, embora diante da “lei forçada” dos médicos e de higienização possam parecer absurdas, anômicas e fantásticas.

É com barro do tanque que se limpa a fomalha após se ter cozinhado uma comida. Feijão já debulhado e seco é “munizado” (preservado) misturado na tabatinga (terra branca e fina) ou terra vermelha buscadas na chapada.

Diz que eu cago na beira do caminho, que eu sou ruim acendedeira de fogo. Eu nunca caguei na beira de caminho... Que eles fala é isso, quem caga na beira do caminho é ruim acendedeira de fogo. Mas eu não cago, não. Paí deu uma surra ne mim o dia que eu tava cagando na beira do caminho... Mas foi a derradeira surra que ele me deu.

### 3) Considerações finais

As práticas cotidianas de parto em casa, plantio de mandioca, tratamento de doenças e a linguagem em Córrego Narciso ilustram instâncias em que saberes e fazeres diretamente referidos à reprodução da vida-corpo-materialidade, ao mesmo tempo em que são produzidas e estruturadas minuciosa e cuidadosamente a partir de uma coerência e normatizações próprias, podem, por essa mesma razão, representar uma transgressão de uma “lei forçada” dos médicos e de higienização, aos olhos dos quais podem parecer absurdas, anômicas e fantásticas. São nas dimensões marcadas por uma suspensão de constrangimentos material-normativos que se mostram evidentes seus componentes fantásticos, ficcionais e de encantamento, enquanto uma

desmaterialização cotidiana da vida-corpo e transgressão, por vezes não-intencional, de expectativas normativas. Esses fazeres e movimentos aparentemente desalinhados dos corpos são, por outro lado, ritmizados por normatizações que lhes conferem um andar próprio e que lhes habilita a própria reprodução.

#### 4) REFERÊNCIAS

BOTELHO, Maria Izabel Vieira. *O eterno reencontro entre o passado e o presente: um estudo sobre as práticas culturais no Vale do Jequitinhonha*. Tese de Doutorado em Sociologia - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), 1999.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. *Revista de Sociologia e Política*, n.26, junho de 2006.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Escatologia entre os Krahó: reflexão, fabulação. In: MARTINS, José de Souza (org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec, 1983, p.323-339.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. *Texto extraído de Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia), Vol. 1*. Editora 34, 1ª Ed., 1995.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MICELI, Sergio. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. VII-LXI.

VAZ DE MACEDO, 2019. *“Papagaio velho não pega língua mais, não”*: estuciando o jeito de falar e de fazer, o jeito de ser, no quilombo Córrego do Narciso do Meio, Vale do Jequitinhonha (MG). Tese de Doutorado (Sociologia), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, 2019.